



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR**

ROSIEL DE CASTRO MORAES

**MEMORIAL ACADÊMICO: REVIVENDO MINHAS ORIGENS DESDE O ENSINO
INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR, CONSTRUINDO MINHA HISTÓRIA DE
FORMAÇÃO ATRAVÉS DA PRÁTICA DOCENTE.**

**ABAETETUBA-PA
2018**

ROSIEL DE CASTRO MORAIS

**MEMORIAL ACADÊMICO: REVIVENDO MINHAS ORIGENS DESDE O ENSINO
INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR, CONSTRUINDO MINHA HISTÓRIA DE
FORMAÇÃO ATRAVÉS DA PRÁTICA DOCENTE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para obtenção de grau em licenciatura plena em pedagogia, pela faculdade de ciências de educação da universidade federal do Pará, (UFPA) orientado pela professora Edinéa Bandeira Ribeiro no curso de Pedagogia, turma 2014

ABAETETUBA-PA
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

M827m Moraes, Rosiel Castro.
Memorial acadêmico: : revivendo minhas origens desde o ensino superior, construindo minha história de formação através da prática docente / Rosiel Castro Moraes. — 2018.
47 f. : il.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Edinéa Bandeira Ribeiro
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memórias. 2. Ensino. 3. Dificuldades. 4. Superação. I.
Título.

CDD 370

ROSIEL DE CASTRO MORAIS

**MEMORIAL ACADÊMICO: REVIVENDO MINHAS ORIGENS DESDE O ENSINO
INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR, CONSTRUINDO MINHA HISTÓRIA DE
FORMAÇÃO ATRAVÉS DA PRÁTICA DOCENTE.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito final para
obtenção de grau em licenciatura plena
em pedagogia, pela faculdade de ciências
de educação da universidade federal do
Pará, (UFPA) orientado pela professora
Edinéa Bandeira Ribeiro no curso de
Pedagogia, turma 2014

Data de Aprovação: ____ / ____ / ____.

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientador: Profº.

Orientador

**ABAETETUBA-PARÁ
2018**

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Jesus e ao Espírito Santo, pela força, fortaleza inteligência e sabedoria para que pudesse chegar até o final e concluir o meu curso e de superar todas as dificuldades que surgiram durante essa trajetória.

Aos meus pais Sebastião de Brito Moraes e querida amada mãe Irene de Castro Moraes que me ajudaram e sempre me incentivaram para que eu pudesse concluir minha faculdade.

Aos meus irmãos, que sempre me diziam não desista, é difícil, mas você vai conseguir pelo amor e carinho que sempre me deram força para seguir em frente e nunca desistir, mesmo diante dos problemas e situações que aconteceu nesse longo período de minha carreira acadêmica e que viram toda minha luta.

A minha esposa Nayara pela dedicação, compreensão e amor em todos os momentos de nossas vidas.

As minhas amigas e amigos da turma de Pedagogia 2014 pelo momento de alegria e tristeza que juntos passamos nessa caminhada e poder chegar até aqui.

A todos os professores do Curso de Pedagogia 2014 com sua Inteligência e sabedoria me ajudaram direta e indiretamente a realizar disciplinas, seminários e trabalhos, nos orientando e ensinando a ensinar e aprender, e nos tornando profissionais competentes para colaborar com a sociedade.

A professora orientadora Edinéa Bandeira Ribeiro pelas importantes orientações e co-responsabilidade na elaboração deste trabalho

E a todas as pessoas que de uma forma ou outra contribuíram para a conclusão deste memorial

Rosiel de Castro Moraes

DEDICATÓRIA

“ A Deus todo poderoso criador do céu e da terra, pela sua infinita bondade pelo dom da sabedoria pela saúde, pela determinação que sempre me guiou no caminho da Fe esperança e humildade e que me conduziu para que eu pudesse chegar ate aqui.”

“Educação qualquer que seja ela é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso trás no seu bojo de discussão uma autobiografia, sobre um rapaz residente do interior do Muaná que tinha um sonho de ser professor e fez de tudo para poder realizá-lo. O presente trabalho aborda sobre a importância das memórias para a construção da prática docente e com isso também refleti sobre a responsabilidade de ser professor em sociedade. Para a realização desse trabalho foi utilizado minha abordagem pessoal, relatando momentos importantes de minha vida, desde a infância até a entrada na universidade. Também se encontra a abordagem de diversos autores que fundamentam esse arcabouço teórico, enfatizando sobre a importância da memória na construção do caráter, dificuldades da docência, os desafios dos profissionais diante as novas tecnologias e uma abordagem sobre LIBRAS (LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS). Portanto, a conclusão desse trabalho representa uma vitória, diante de tantas lutas que já enfrentei em minha vida e carreira, por fim, a graduação simboliza a realização de um sonho e superação de limites e a prova física, que todos que desejam e batalham conseguem realizar qualquer objetivo.

.PALAVRA CHAVE: Memórias; Ensino; Dificuldades; Superação

ABSTRACT

This present work of course ends in its bulge of discussion an autobiography, about a young man living in the interior of the Muaná who had a dream of being a teacher and did everything to be able to realize it. The present work deals with the importance of the memories for the construction of the teaching practice and with this I also reflected on the responsibility of being a teacher in society. For the accomplishment of this work my personal approach was used, reporting important moments of my life, from childhood to university entrance. It is also the approach of several authors who base this theoretical framework, emphasizing the importance of memory in the construction of character, teaching difficulties, the challenges of professionals in the face of new technologies and an approach on LIBRAS (LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS). Therefore, the conclusion of this work represents a victory, faced with so many struggles that I have faced in my life and career, finally, graduation symbolizes the realization of a dream and overcoming limits and the physical test, that all who desire and struggle achieve any purpose.

.Keywords: Memories; Teaching; Difficulties; Overcoming

Sumário

1-INTRODUÇÃO.....	10
2. REVIVENDO MINHAS ORIGENS: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA A MINHA CONSTRUÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL.....	14
2.1. A BASE ECONÔMICA.....	15
2.2. A VIVENCIA RELIGIOSA.....	17
2.3. AS CRENÇAS E VALORES DO TEMPO DE CRIANÇA.....	17
2.4. A REALIDADE COMO ESTUDANTE.....	17
3. O INÍCIO DA ATUAÇÃO DOCENTE.....	22
3.1. DESAFIOS DA DOCÊNCIA.....	23
3.2. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NAS SERIES INICIAIS.....	26
4-UNIVERSIDADE: DESAFIOS E SUPERAÇÕES.....	30
4.1. PARFOR: A CHANCE DE UM NOVO CAMINHO.....	30
4.2. OS DESAFIOS DIANTE AS NOVAS TECNOLOGIAS.....	32
4.3. DISCIPLINA DE LIBRAS: CONHECENDOAS DIFERENÇAS.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44

1-INTRODUÇÃO

Para compreender a prática docente é necessário entender como se sucede a construção desses profissionais e a forma como são tratados, dentro das academias e fora diante do mercado de trabalho. Todavia como muitos profissionais do ensino básico, minha formação se deu de maneira “tradicional”, pois primeiramente adentrei no mercado de trabalho para depois ir à universidade. Toda a minha experiência de vida foi fundamental para a construção do profissional que sou hoje.

Logo tenho muito orgulho das dificuldades e alegrias que obtive durante esses anos como aluno, professor e novamente aluno. Por isso, como tema desse trabalho escolheu realizar um memorial para contar como se sucedeu a minha formação docente, através, primeiramente, da prática para posteriormente a teoria. Assim apresentar como foi de fundamental importância para a minha formação como educador e construção de caráter pessoal.

A priori, é importante abordar sobre a função essencial de ser professor na sociedade em que adentramos, pois, a função docente não está em apenas ministrar conteúdos, sua responsabilidade se consiste em formar cidadãos críticos e não manipuláveis. Todavia é visível que esse discurso fica somente no âmbito das palavras, pois a valorização dos professores está distante de acontecer.

O que tem ocorrido é uma política de desvalorização do professor, prevalecendo às concepções que o consideram como um mero técnico reprodutor de conhecimentos, um monitor de programas pré-elaborados, um profissional desqualificado, colocando-se à mostra a ameaça de extinção do professor na forma atual. A realidade retrata uma carreira quase inexistente, com condições de trabalho aviltadas, pouca retribuição financeira e discutível reconhecimento social.

(MARTINS E PEREIRA, 2002, p. 113)

Como professor atuante das séries iniciais do ensino fundamental os desafios a se enfrentar são os mais diversos, dentro do âmbito escolar como fora principalmente. Logo diante de todos nomeio a falta de incentivo como um dos maiores obstáculos, como bem aborda o autor Araújo e Yoshida (2010) o que se sucede com os professores primários que são formados na condição de polivalentes têm sua capacidade intelectual desconsiderada, principalmente quando comparados aos professores unidisciplinares que atuam nas séries subsequentes, segundo o autor, isso ocorre porque ainda há grande parcela da sociedade acreditando que

para atuar nas áreas de ensino infantil e fundamental não seria preciso o docente saber muito sobre aquilo que ele ensina.

Todavia nem tudo dentro da docência é dificuldade, pois apesar de todos os problemas que é necessário enfrentarem, também tiveram muitos avanços e é preciso discorrer sobre eles. Durante todo esse ano como professor, recordo-me de meu passado e como antes era tão difícil continuar na escola. Pois, desde cedo as crianças, como eu, por exemplo, precisavam trabalhar para ajudar os pais e muitos delas não chegaram a pôr os pés em salas –de -aulas.

No entanto, aqueles poucos que possuíam a oportunidade tinham seus cadernos costurados pelas mães e este deveria durar até o final do ano, pois provavelmente seria o único que aquela criança iria ganhar. Entretanto, apesar de todos esses avanços ainda é comum encontrar em salas de aulas atualmente, crianças que possuem essa mesma realidade, a necessidade do trabalho e falta de recursos financeiros.

Logo o tempo passou e a realidade se modificou para muitos e graças aos movimentos sociais, políticas públicas que visavam dar aos pobres a oportunidade de prosseguir com os estudos. Dessa forma, o sonho de ter um diploma de nível superior não estava tão distante como antes. Assim, comparando ao que possuímos, quando era estudante, apesar de ser pouco tivemos avanços, assim construindo um pequeno passo, para uma longa caminhada.

A educação está num processo constante de mudanças, mudanças essas que tentam acompanhar o ritmo do novo milênio. Nesse sentido o educador vem exercendo um papel insubstituível no processo de transformação social, pois a formação de sua identidade ultrapassa o profissional, constituindo fundamentalmente a sua atenção profissional na prática social (Araújo e Yoshida, 2010, p 3)

Assim podemos citar como um dos avanços e direitos que a educação sofreu no decorrer dos anos, distribuição de livros didáticos, construção de mais escolas públicas, ampliação de programas como SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino) E PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), disponibilização das cotas em universidades, implementação do PNE (Plano Nacional de Educação) e etc. Programas que apesar de precisarem de muitas melhoras e modificações, foram essenciais para a evolução do ensino público do país. Porém infelizmente a corrupção de nosso país não possibilita que outras melhoras possam se suceder.

Dessa forma, justifica-se o tema escolhido para a produção desse presente trabalho, discorrer sobre histórias de luta e superação como a minha que devem ser contados a todos. Pois existem muitos professores que assim como eu, tiveram que enfrentar as mais diversas dificuldades para se formar, adentrar no mercado de trabalho e finalmente em uma graduação. Para alunos residentes do interior, ir à escola é uma aventura, a necessidade de trabalhar, dificuldades como transporte público fazem que muitos alunos desistam de ir à escola.

Por isso, histórias de superação como a minha e de muitos outros podem servir de estímulo para os mesmos enfrentarem as dificuldades e seguirem nos estudos. No entanto é necessário lutar pelos direitos, exigir melhores condições de trabalho e estudo, para garantir mudanças e melhorias para as futuras gerações, logo a universidade me mostrou isso, que é possível realizar sonhos e mudar a realidade em nossa volta. Assim o presente tema também se justifica, ao considerarmos a importância que as memórias têm para o ser humano e como as mesmas podem ser fundamentais para a formação de caráter. Como bem aborda o autor, Izquierdo (2011 p.133).

A memória faz de nós aquilo que somos e podemos vir a ser, pois cada lembrança recordada ou esquecida faz com que sejamos sujeitos únicos, uma vez que, para duas pessoas, vivenciando a mesma situação, a forma como esse momento será armazenado será distinta, levando a pontos de vista diferentes que, por sua vez, trarão recordações diferentes. O conjunto de memórias de cada pessoa influencia a sua personalidade. Devido a essa característica, nenhuma pessoa é capaz de ser igual a outra, mesmo gêmeos monozigóticos originarão seres humanos totalmente diferentes, de acordo com as experiências de memória que tiverem.

Segundo o autor, a memória é extrema importância para a formação das pessoas e são parte fundamenta da vida de qualquer ser humano, ela o molda e o defini. Assim para realizar uma reflexão, optei por contar sobre minha história de formação realizando, dessa forma, uma análise sobre a prática docente. Dessa forma, nasceu a problemática central desse presente trabalho, no qual é abordar sobre: Quais os avanços e desafios que a prática docente trouxe durante esses anos de experiência profissional? Diante disso, encontram-se questões norteadoras a essa perspectiva:

1. O que as minhas experiências de infância e aluno trouxeram para a minha formação.
2. Durante a docência quais foram os maiores desafios como professor?

3. O que a experiência da universidade me mostrou e proporcionou como aluno e profissional?

Dessa forma, constrói-se o objetivo geral desse presente trabalho, no qual se consiste em discorrer sobre a importância das minhas experiências para a construção de minha prática docente e com isso também refletir sobre a responsabilidade de ser professor em sociedade. Diante disso, também se encontra objetivos específicos a essa questão:

- I. Analisar como as minhas experiências pessoais contribuíram para a minha construção profissional.
- II. Discorrer sobre quais foram as principais dificuldades dentro do trabalho da docência e como a falta da teoria, prejudicou minha atuação na docência.
- III. Abordar sobre como os conteúdos aprendidos durante a universidade me auxiliaram em meu aprimoramento profissional e pessoal, assim como as dificuldades e alegrias que obtive nesse período.

Todavia, o presente trabalho possui introdução, no qual justifico o tema escolhido, assim como, apresento a problemática e os objetivos do mesmo. No desenvolvimento estão presentes em três capítulos. No primeiro capítulo encontra-se, um relato de minha infância e como a importância da mesma, foi fundamental para a formação de meu caráter e algumas posturas profissionais. Assim no mesmo capítulo também se encontra um pouco de minhas experiências como aluno desde o ensino infantil até o médio, dessa forma, mostrando as dificuldades que todos os alunos do interior enfrentam para terminar seus estudos.

No segundo capítulo encontra-se uma abordagem sobre a minha prática docente, como ela se sucedeu e as dificuldades encontradas em sala-de-aula. Como por exemplo, a falta de estrutura e o trabalho com alfabetização e letramento, trazendo a ludicidade como um meio para solucionar esse problema. No terceiro está o relato de como adentrei na universidade pelo PARFOR, as dificuldades e alegrias que vivenciei na academia. Nele está presente uma discussão sobre o trabalho do docente, diante as novas tecnologias e como ela se tornou um desafio para mim.

Logo também se encontra uma abordagem sobre a felicidade que vivenciei na disciplina de LIBRAS. Por fim desejo que esse trabalho represente uma história de superação para muitos alunos, que passam ou passaram pelas mesmas dificuldades

que eu, porém nunca desistam de continuar a luta atrás de conhecimento e consigam vencer, visando meu exemplo.

Assim os autores fundamentais para a construção desse arcabouço teórico foram Hage (2005), Freire (1987), Morais (1995), Soares (2004), Santos (1998) Silva (2013) Izquierdo (2011). Assim como muito outros que foram de fundamental importância para a construção desse trabalho de conclusão de curso.

2. Revivendo minhas origens: A importância da família para a minha construção acadêmica e profissional.

A priori me apresento como Rosiel de Castro Morais, nascido no dia 14 de março de 1989, no rio, Purupuru, zona rural do município de Muaná-Pa. O município de Muaná está localizado à margem direita do rio do mesmo nome, na zona fisiográfica do Marajó e Ilhas, Muaná, a 108 quilômetros nos rios e 80 km em linha reta Belém, recebe este nome em alusão ao rio que a banha. É uma das cidades do Marajó. Logo na chegada, a orla atrai os olhares dos visitantes por conta do intenso tráfego de embarcações e do comércio sempre movimentado. Hoje, com pouco mais de 37 mil habitantes, a cidade tem seu nome gravado na história política do Pará. Hoje, vive do extrativismo e de um comércio movimentado. E como filho Muanense.

Dentro deste cenário que nasci principalmente no espaço rural, era normal a família serem numerosas, porém a minha foi diferente, pois meu pai, Sebastião de Brito Moraes e minha mãe Irene de Castro Moraes tiveram três filhas e três filhos, no total somos seis irmãos contando comigo.

A realidade de meus pais foi semelhante à de muitas crianças pobres do interior, ambos não obterão a oportunidade de estudar, pois desde cedo precisaram trabalhar na roça para ajudar meus avôs e garantir o sustento da família. Então quando meu pai se casou dedicou-se ao trabalho da lavoura. Minha mãe também não teve a oportunidade de estudar, pois além de precisar ajudar os pais na roça, meu avô não permitia que ela fosse à escola para aprender a escrever cartas para futuros namorados.

Eu nasci e residi toda a minha infância e juventude no município de Muaná na comunidade do rio Purpuro, situada ao espaço rural à vinte quilometro da cidade, em

um terreno enorme, onde meu avô dividiu as terras entre os filhos, para que cada um tivessem a oportunidade de construir sua casa. Logo isso ocasionou em uma vila de parentes.

Apesar de sermos uma família grande, nossa condição social e econômica era muito difícil. Vivíamos em um casebre de quatro cômodos, uma sala, dois quartos e uma cozinha; o banheiro para fazer as necessidades fisiológicas (privada), ficava a vinte metros de casa, os banhos eram tomados no rio. “A dormida era meio apertada”: eu e mais dois irmãos dormíamos na sala, cada um na sua rede, só que o espaço era pequeno apenas de três metros quadrado. Usávamos a lamparina (iluminaria primitiva, pavio de algodão, alimentada com querosene muito utilizada no interior e zona rural, feita de alumínio) para clarear a noite escura e o fogão de lenha para nos aquecer e fazer os alimentos.

2.1. A BASE ECONÔMICA.

Como referido anteriormente, a atividade realizada por meus pais era a lavoura da mandioca, maxixe, macaxeira, palmito e também extraíam o leite da Seringueira e a coleta de frutos como (cupuaçu, bacuri e etc.). Tanto a coleta dos frutos como a colheita dos produtos na lavoura ocorria por um período determinado: a mandioca levava em média para ficar boa para o consumo de sete a oito meses, o maxixe de dois a três meses em período de colheita de três a quatro semanas no máximo e assim por diante.

Por isso, nem sempre tínhamos o necessário para viver com qualidade, quando o alimento era dado a minha mãe colocava uma porção em cada prato para garanti a todos, porém nem sempre era acompanhado com suco do açaí, somente quatro a cinco meses no ano. No jantar era comum o mingau de arroz e de farinha de mandioca, quando tinha o suco do açaí, minha mãe colocava e quando não tinha, restava a nós somente o branco e a mesma colocavam com um pouquinho de açúcar.

O trabalho da lavoura é uma atividade muito desgastante e de poucos benefícios, eu e meus irmãos ajudávamos nosso pai nas tarefas da derrubada da mata para garantir o plantio e meu pai não conseguia realizar todas as atividades do roçado sozinho. Como essa dificuldade era comum na comunidade, os moradores

desenvolviam o “sistema de ajuda”, que ocorria por meio de troca de serviços. Por exemplo, uma semana eles realizavam mutirões de parentes e vizinhos para trabalhar no roçado do papai, na outra semana era de outra pessoa e assim por diante até que todos fossem contemplados pela ajuda.

O sistema de ajuda era muito importante na nossa realidade, as famílias tinham pouco ou quase nenhum acesso as políticas direcionadas para as famílias do campo, por isso elas criavam as suas estratégias de sobrevivência. Há autores que reconhecem como iniciativas das próprias comunidades a partir de suas necessidades: segundo Sousa (2010).

Trata-se de organizar as mais diversificadas ações... É necessário criar dinâmicas próprias do trabalhador independentes dos governos, para resolver os problemas que não sendo coletivamente identificado... Essas iniciativas valorizam a sobrevivência familiar (p.139)

Neste sistema de ajuda que a preocupação central era a sobrevivência dos moradores da comunidade, todos acabavam envolvendo-se e ajudando de maneira que lhe era possível. Eu e meus dois irmãos, por exemplo, íamos com o papai e com o vovô para realizar a colheita da mandioca e colocar no poço dentro do rio até ficar no ponto para descansar, quando o sol começava a esquentar meu pai, mandava nós irmos para a beira da roça descansar até a hora do almoço, fazíamos nossas refeições naquele local. Era menos cansativo, em vez de irmos até em casa e voltar, ficávamos por lá mesmo, deitados em cima de algumas folhas até o sol ficar um pouco mais frio, para retornarmos ao trabalho novamente, isso durava até o pôr do sol.

Outro fato a destacar é que hoje a base econômica melhorou bastante e se tornou comum a realização de festas de aniversário para os filhos, nos primeiros anos de vida de algumas famílias, na minha infância não era assim. Como éramos seis filhos, nunca tivemos uma festa neste dia. Acredito que por conta das dificuldades daquela época, por isso, hoje minha família faz questão de confraternizar e proporcionar com freqüência os encontros que nos unem, especialmente nas datas comemorativas como natalis ano novo, dia das mães e dia

2.2. A VIVENCIA RELIGIOSA

A religiosidade era algo muito forte no seio da minha família, meus pais eram participantes ativos da comunidade São Benedito por isso foi batizado quando bebê a pouco fui aprendendo os preceitos, os ritos e os dogmas da igreja católica. Meu pai era tão fiel aos dogmas da igreja que na semana santa, principalmente na sexta-feira santa, não podíamos fazer nenhum barulhinho; ele dizia que Deus estava doente, por isso era importante o silêncio para ficar curado, caso alguém fizesse barulho no sábado “romperia a aleluia” (apanhava uma surra no sábado da aleluia)

2.3. AS CRENÇAS E VALORES DO TEMPO DE CRIANÇA

No período de minha infância o respeito era sinônimo de medo. Pois éramos ensinados a tomarmos benção das pessoas e dos irmãos mais velhos, bastava papai e mamãe olhar para saber se podia fazer algo ou aceitar o que nos ofereciam. A benção antes de dormir e de sair eram indispensáveis, quando íamos à casa dos avôs, dos tios tínhamos que tomar benção e não fazer nenhuma má criação; se eles soubessem que havíamos desrespeitados alguém era motivo de umas cinturadas nas pernas.

Assim para nos manter na linha, existia a lenda do bicho papão, o curupira, a perereca, as histórias horríveis dos carregadores de crianças que andavam pelo mato e pelos barcos entre muitos outros seres que podiam fazer mal a um filho desobediente e preguiçoso.

2.4. A REALIDADE COMO ESTUDANTE

A escola passou a fazer parte da minha vida a partir dos meus sete anos de idade. Iniciei na primeira série, com a professora Adenilde Fernandes Brabo, em uma turma multisseriada da primeira à quarta série. Salomão Hage (2005) retrata as condições existentes das escolas multisseriadas, onde ele afirma:

Em geral, essas escolas são alocadas em prédios escolares despreparados, sem ventilação, sem banheiros e local para armazenamento e confecção da merenda escolar. Há situações que não existia o número de carteiras suficientes, o quadro de giz encontra-se danificado; e muitos casos essas escolas não possuem prédio próprio funcionando em prédios alugados, barracões de festas, igrejas ou mesmo em casa de professores ou lideranças locais. Os professores e estudantes enfrentam muitas

dificuldades em relação ao transporte em longas distâncias percorridos para chegarem na escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, a cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornada que chegam a 12 Km e 8h diárias. A oferta irregular da merenda também interfere na frequência e aproveitamento escolar. Pois quando ela não está disponível, situação, aliás, muito comum nas escolas mutisseriadas, constitui-se um fator que provoca o fracasso escolar (HAGE. 2005 P.1).

Confesso que o estudo na minha vida não foi tarefa fácil e posso destacar alguns motivos. Primeiro antes de ir para a escola tinha que ir trabalhar nas suas atividades diárias com meu pai e às vezes tinha a necessidade de faltar nas aulas, todavia isso nunca foi motivo para deixar de frequentar a escola.

Em segundo lugar, meus pais não tinham condições de comprar material escolar para eu e meus irmãos e de nos manter todo dia na escola, devido ser um pouco longe de casa, basicamente 2 km. Lembro bem, tínhamos um barquinho com um motor de meu avô, quando dava, ele levava a gente e quando não dava íamos a remo em um casquinho. Neste sentido e é coerente afirmar que o fracasso escolar não é tão somente responsabilidade da escola, mas e decorrente de todo um sistema que envolve a família, a escola, o social, o político, econômico e cultural: em que esta criança esta inserida como argumento, Emília Ferreira traduzido Licketensteiu, Marco, Corso (1999).

“Há muitas crianças que se ausentam da escola por longos períodos, a necessidade de serem úteis à família em tarefas produtivas, sem uma melhora, na condição de vida da população dificilmente se poderá mudar tal situação. Quando uma criança fracassa na aprendizagem, a escola lhe oferece uma segunda oportunidade, recomeçar o processo da aprendizagem, Retirar uma experiência de fracasso em condições idênticas não é, por acaso, obrigar a criança a repetir seu fracasso”? Repetir os erros até que abandone o propósito. E chegamos ao aspecto central do problema educativo: a deserção escolar. Que não possui estratégias para conservá-lo nem interesse em reintegrá-lo. Ao abandono da escola; teríamos de chamá-lo se ‘expulsão encoberta’. Não se trata de uma mudança de terminologia, mas de um referencial interpretativo, porque a desigualdade social econômica se manifesta também na distribuição desigual de oportunidade educacional. (p.20).

A necessidade da criança neste contexto a do espaço rural em ter de ajudar os familiares na base econômica, nas lavouras, nas fazendas e na escola. Por não se tornar um espaço acolher, muitas dessas crianças acabam por desistir do seu processo de ensino aprendizagem, pois não vêem neles uma perspectiva de mudança.

Em terceiro lugar, no espaço rural era comum a professora ter diversas funções na escola: professora, servente, merendeira. Na minha escola não era diferente, por isso a cada dia a professora Adenilde escolhia uma aluna para ajudá-la a fazer a merenda, como minha irmã tinha habilidade na cozinha sempre era escolhida para esta tarefa.

A organização da sala era de carteiras enfileiras e não existia qualquer ornamentação que promovesse um ambiente alfabetizador como vemos atualmente, onde tudo é colorido, bonito, tem vida e alegria, pois o objetivo principal da educação era ensinar a escrever e a ler. Paulo Freire (1987) aponta critérios importantes para o processo alfabetizador que não está somente na memorização, na mecanização das coisas.

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar é antes de tudo aprender a ler o mundo compreender o seu contexto, não há uma manipulação mecânica de palavras, mas uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. FREIRE (1989.p.8). Como naquela época não tínhamos os recursos didáticos presentes nas salas, hoje eram usados os mais tradicionais possíveis, o que fazia com que não gostássemos de ir à escola na quarta feira, pois era o dia de todas as turmas disputarem a matemática.

Contudo a atividade era realizada em individual, cada um sentava em uma cadeira um diferente do outro, aquele que errasse a casa da tabuada levava meia dúzia de palmatória (espécie de régua de madeira que era usada antigamente pelos professores para punir ou castigar os alunos) sempre eu ganhava as disputas eram bem poucas que eu errava, batia devagar nas mãos dos meus colegas. Por isso a professora dava uma dúzia de “bolo” (palmas) na minha mão para eu aprender como deveria fazer.

Segundo Emília Ferreiro (1992) refletir como deve ser percebido o processo da mecanização e memorização desenvolvido nas escolas. Os processos de construção sempre supõem reconstrução?

É preciso reconstruir um saber construído em certo domínio para aplicar ao outro; na reconstrução de um saber construindo provavelmente com respeito a domínio específico para poder adquirir outros conhecimentos do mesmo domínio que de algum modo, tem sido registrados sem poder ser compreendido, também há reconstrução do conhecimento da língua oral que a criança tem para poder utilizá-lo no domínio da escrita. (FERREIRO. 1992, P.87).

Dentro desse enfoque uma educação pautada não leva o aluno a desenvolver as suas potencialidades e pode estar contribuindo para formar alunos funcionais. Recebi muitos incentivos da professora Adenilde Fernandes Brabo, da escola Boa Esperança. Situada nas margens do rio Purupuru, onde cursei da 1º a 4º serie era uma professora dedicada a sua profissão sempre estava pronta para atender sempre nossas necessidades, e nessa escola conseguir terminar o ensino fundamental.

Relembro com descontentamento o tempo que fiquei sem estudar basicamente cinco anos por não ter outro colégio de 5º a 8º serie havia somente na cidade, como as condições financeiras eram baixas não pôde ir. Neste período sem estudar, trabalhei com o meu pai nas suas atividades da roça, em (2002) dois mil e dois. Logo em seguida abriu um novo colégio Belmiri Monteiro Lopes de 1º a 8º ano as margens do rio Inamaru a sete km de casa, ou seja, duas horas de barco.

Entretanto por falta de transporte público, não tive acesso a mais um ano na escola, em 2003 a prefeitura alugou um barco, ou seja, “uma lancha” de seis metros de comprimento e três de largura com um motor chamado Yamara, Inss Onze, para levar os alunos da comunidade vizinha e a nossa, meu pai me matriculou. Começou um novo desafio, o transporte passava muito cedo em casa por volta das dez horas da manhã e esse horário dificilmente o almoço estava pronto e pelo transporte passar esse horário geralmente ia para escola com fome.

Com isso o nosso retorno se dava por volta das sete da noite, mais isso nunca foi motivo para não freqüentar a escola. Minha família sempre me apoiou dando força, coragem e ânimo; faltava bastante, por ser longe e às vezes o transporte não vinha. E ainda tinha que ajudar meu pai a trabalhar, os professores entendiam meu lado e sempre me ajudavam, passando trabalho para fazer em casa e assim ia levando. O professor Raimundo Nonato Pimentel de matemática marcou muito na minha vida, ele era conhecedor de minhas dificuldades, por isso me ajudava tanto nas aulas dele como nas de outras professoras. Diante de todo esse percurso e dificuldades de concluir o ensino fundamental.

Na época já havia o ensino médio nesse mesmo colégio me matriculei e começou novamente um desafio para a minha vida, foi aí que encontrei a dificuldade maior por não haver transporte para o ensino médio. Como era longe não tinha

condições de ir todos os dias para a escola e aí fui atrás de colegas que também estudava no mesmo colégio que eu no ensino médio para me ajudar. No combustível eram cinco litros por dia em uma rabeta que meu pai conseguiu, cada um dava um litro e assim fomos levando.

Nessa premissa relembro que um dia indo para a escola no horário da tarde, deixei meus colegas no colégio e fui buscar o professor Tinei em sua casa que morava basicamente a 1 km da mesma, dobrando uma curva do rio, que tem um furo o qual tinha acesso de um rio para o outro em que o professor morava, no momento que eu ia atravessar de um lado para outro desse furo, que dá basicamente 100 metros de largura vinha uma rabeta (embarcação muito usada como meio de transporte nas ilhas) e o rapaz que vinha nessa rabeta, por falta de atenção, não me viu atravessar e as mesmas se chocaram, nesse acidente eu me vi em desespero pensando que ia morrer.

Entretanto, algumas pessoas que passavam no momento do acidente, me socorreram, a partir de então adquiri trauma de embarcação e fiquei com medo de sair sozinho. Além disso para ir à escola meus colegas iam me buscar em casa, somente com o passar de alguns meses eu consegui superar o medo principalmente com a ajuda de meus familiares e meus colegas que foi de muita valia para minha recuperação.

Além disso, eu tinha que trabalhar com meu pai para sustentar a minha família, meus irmãos eram pequenos e não davam conta de trabalhar, Como eu era o maior dos homens ajudavam nas suas tarefas para não ver a minha família sofrer, e para mim era difícil estudar, me preocupava muito com a minha família e as vezes dava vontade de desistir de estudar, mais ao mesmo tempo vinha o pensamento de não desistir e que estudar era o melhor para mim que só através do estudo poderia dar uma vida melhor e mais digna para a minha família.

Quando faltavam seis meses para concluir o ensino médio, adoeci e tive que passar por uma cirurgia, foi nesse momento que pensei que não terminaria o ensino médio, o médico no qual me operou me falou que eu tinha que ficar pelo menos seis meses de repouso sem subir ou descer escadas devido a cirurgia ser muito fina, foi quando entrou o desespero que não queria repetir de ano, era o último ano do ensino médio pensava eu, se repetir de ano é muito tempo perdido, já sonhava

entrar em uma faculdade mesmo particular, não queria ficar para trás, sonhava ser alguém na vida, sempre meu sonho era ser professor, sabia que se estudar um dia conseguiria.

Um fato marcante em minha vida estudantil foi à compreensão que recebi do professor Jorge Machado, na época era ele que estava trabalhando no modulo com a disciplina de educação física, meus colegas falaram minha situação para ele e o qual me encontrava, estava de atestado medico, ele justificava minhas faltas e mandava trabalho na teoria para eu fazer em casa, valeria como avaliação, meus colegas também foram parceiros, o que eu não sabia nos trabalhos eles me ajudavam a fazer até eu recuperar da cirurgia e quando me recuperei voltei novamente a estudar no colégio, faltava somente dois meses para terminar e finalmente consegui concluir o ensino médio no ano de (2012) dois mil e doze.

3. O INÍCIO DA ATUAÇÃO DOCENTE

No dia dezoito de fevereiro de dois mil e treze (18\02\2013), aos (22) vinte e dois anos de idade fui convidado pelo senhor Murilo Guimarães o atual prefeito hoje do município de Muaná, para assumir as turmas do quarto e quinto ano na escola anexo Assis Barros Pereira na comunidade Nazaré no rio Tapuruquara no município de Muaná, no princípio fiquei pensativo, mas era o meu sonho ser professor, uma esperança batendo na minha “porta” não podia me acovardar, assim aceitei a responsabilidade e a missão de ser professor.

Aos poucos fui compreendendo que por mais que imaginemos e planejemos só é possível ter consciência da dimensão do “ser professor” do “atuar na docência” quando chegamos efetivamente ao espaço de trabalho quando passamos a fazer parte desta realidade. Entendi algo fundamental: Se dentro de você não existir amor por esta profissão é melhor construir outro lado profissional, pois para atuar como educar, além de formação é necessário amor, que implica em uma infinidade de responsabilidade e dedicação e em certas circunstâncias de renúncia. Somente através de minha trajetória como professor, pude perceber tudo isso de forma mais clara.

3.1. DESAFIOS DA DOCÊNCIA

Para dar ênfase a minha cronologia a priori, apesar de estar realizando um sonho que sempre me foi almejado, à docência me mostrou que ser professor é uma profissão que exige coragem. Diante de todas as dificuldades que irei citar nesse presente trabalho, a falta de incentivo para com os profissionais da educação, julgo como a mais complicada. Pois apesar da vontade de ir trabalhar, muitas vezes me encontrava cansado e desestimulado quando testemunhava tanta desvalorização, não somente com os professores e sim com o ensino público em geral. Principalmente considerando a importância do professor para a sociedade e era justamente essa ideologia que me fez prosseguir por tantos anos, como bem aborda Moraes (1995, p. 51):

[...] Sala de aula. Ela ocupa, em nossa tradição escolar, o lugar onde se desenvolver a escolaridade. Independente da época ou da escola os problemas existem e o professor seria sempre o sujeito desta história, em que mesmo ganhando pouco ou sem tempo para cuidar de sua vida particular em sua maioria tende a lutar para fazer com que seus alunos tenham uma educação digna, a altura dos seus sonhos.

Além disso, também se encontra como um dos maiores problemas a falta de estrutura das escolas, já que sempre residi e lecionei no interior esse foi uma das dificuldades que mais me causava revolta. As escolas em geral de minha comunidade eram sem total estrutura, faltava o básico até para trabalhar com os alunos, naquela época, já que não passei pela formação antes de adentrar no mercado de trabalho, também não tinha o conhecimento de como montar tais recursos. Como enfatiza Satyro e Soares (2008) a influência dos insumos escolares é relevante, diante do processo de ensino e aprendizagem e não deve ser tratado como inutilidade. Segundo os autores:

Insumos escolares são entendidos como infraestrutura de todo tipo: número médio de alunos por turma, número de horas/aula, docentes com formação superior, construção e melhoria das dependências da escola, existência de biblioteca ou sala de leitura e outros aspectos positivos. Infraestrutura é, nesse caso, tudo aquilo que o dinheiro pode comprar. (Satyro e Soares, 2008, p.09)

Dentro desse arcabouço a escola no qual trabalhei se chama Escola Assis Barros Pereira, está era de madeira coberta de telhas de barro, tinha três salas e uma cozinha, cada sala era de cinco metros quadrado, os quadros eram de giz, as cadeiras de madeira com o lugar do caderno. Ao todo éramos três professores e uma servente, sendo que as duas professoras e a serventes eram efetivas e eu

temporário, a escola funcionava no turno da manhã, a quantidade de alunos eram de cinquenta e dois.

Ademais geralmente não tinha merenda, quando tinha era pouco e só duravam sete a oito dias no mês. Como tinha alunos que moravam longe da escola e o transporte passava cinco horas da manhã, muitas crianças vinham sem tomar café em jejum e como era freqüente não haver merenda na escola, nós professores fazíamos coleta e comprávamos ovos, sardinha, mortadela e arroz, a servente fazia uma farofa e dava para cada aluno um pouquinho, quase todos os dias.

Essa falta de merenda interferia muito no desenvolvimento e aprendizado do aluno, geralmente no final do ano muitas crianças ficavam reprovadas devido não ter uma alimentação em seu horário e às vezes, chegavam a suas casas e não tinham o que comer. Por isso, já que os pais não possuíam condições financeiras de comprar o alimento para seus filhos, muitos tentavam resolver o problema levando-os para a escola.

Dentro desse cenário confesso que a apreensão e a ansiedade duraram um bom tempo. Sentia certo medo de não responder as expectativas daquelas famílias, os pais traziam seus filhos, entregavam a nós professores para que os “tornassem alguém”, assim colocavam em nós com toda a responsabilidade que isso gerava.

Dessa forma fazíamos com que as crianças tomassem benção e exigíamos respeito que teriam que ter por nós. Então, a pedido dos pais dever-se-ia tomar algumas atitudes com as crianças tais como podiam puxar a orelha e colocar no bago do feijão e passar cem linhas para copiar e etc. Caso não obedecessem. Isso acontecia na primeira semana de aula. Quando retornei para casa preocupada com o tamanho da responsabilidade fui conversar com minha tia que era professora em outro colégio sobre o pedido dos pais. Em nossa prosa ela me disse algo, que segundo ela, ficaria guardado para sempre em minha memória e me acompanharia para sempre em minha carreira docente.

(...) Meu filho você vai usar isso com essas crianças? Um professor não pode agir dessa forma, ele tem muitos filhos sim, mas deve ter outra forma de ajudar a corrigir as suas faltas de comportamento. Você me disse quando fosse professor nunca ia usar essas coisas principalmente palmatória que ficava triste e até apanhou junto como seus colegas, porque não gostava de dar o bolo, na mão deles quando ganhava na matemática. Olha Deus lhe deu uma chance, aproveita. (Dona. Rosiane Castro).

Dentro deste contexto como já foi mencionado acima, apeguei-me aos valores religiosos vivenciados por minha família, que me ensinou a ter fé em Deus, Por isso todos os dias antes de sair de casa para ir ao trabalho, pedia a proteção de Deus, contra todos os inimigos e pelo trabalho que tinha. Os desafios eram grandes e bem mais complexos do que esperava, pois além de ser professor tive que ser: selador como era somente eu de homem tinha a responsabilidade sobre as questões de capinar ao redor da escola quando o mato estava grande, encher a caixa de água, quando secava, trocar algumas tabuas quando quebrava, nas pontes e retelhar a escola quando tinha buraco no telhado e ajuda a lavar a escola duas vezes ao ano.

Em relação às turmas que assumi para ministrar aulas era uma turma multisseriada (com alunos de quarta e quinta série) composta de dezessete alunos, com faixa etária de onze a quinze anos de idade, nos diversos níveis de aprendizagem. Em virtude de não ter a experiência proporcionada pela formação inicial (habilitação em ensino médio). Para exercer a docência, eu não tinha o conhecimento didático referente sobre o que seria plano de curso, plano de aula, currículo, metodologias de ensino e demais aspectos específicos da área. A minha prática restringia-se a imitar as práticas e as teorias dos meus professores. E nesse momento que temos que ter cuidado, para não transformar nossos alunos em depósito em sujeitos passivos. Segundo o autor:

Em um lugar de comunicar-se o educador faz comunicados e depósitos que os educando, meras incidências recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aqui a educação bancária em que a única margem de ação que se oferece aos educando e a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1987, P.58)

A partir de então procurei não cometer os mesmos erros de meus professores, tentando não transformar meus alunos em depósitos, mas priorizei os alunos que sairiam da escola no ano seguinte para cursar o sexto ano. Com eles utilizava livros que foram cedidas a escola, pela secretaria de educação e pela professora Adenilde Fernandes Brabo da escola Boa Esperança, assim levava os livros para casa, para preparar as aulas do dia seguinte.

3.2. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS

Para um entendimento mais plausível sobre minha trajetória educacional elenco de que como professor de educação infantil reconhece a importância da alfabetização e letramento nas séries iniciais e também como é difícil trabalhá-las. Pois considero a alfabetização e letramento como a base do ensino, para ter a possibilidade de compreender qualquer outra ciência é necessário, a priori, aprender a ler e escrever. O contexto social mundial exige que as pessoas possuam a habilidade de ler e escrever, pois caso isso não ocorra, ela está condenada a viver sobre a margem da sociedade.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) a justiça trata como obrigatoriedade, que toda criança aprenda a ler e escrever até os sete anos de idade, dando por início a vida escolar a partir dos quatro, os incutidos por isso é os pais ou responsáveis desse menor. Todavia não é isso que sucede, pois é comum encontrar em âmbito escolar crianças que não sabem ler e escrever e muitas vezes isso se prossegue nas séries seguintes, em alguns casos até o ensino médio.

Por conseguinte a alfabetização é um grande desafio para o professor. Nas últimas décadas ela deixou de ser um meio para chegar ao conhecimento e se tornou objeto de estudo e pesquisas de professores, psicólogos, lingüistas e pedagogos que observam a alfabetização como um processo complexo que vai muito além de um processo mecânico. Pois, o conceito de alfabetização muda com o passar do tempo, a cada período da história surge uma nova concepção para atender a um determinado paradigma educacional.

Como bem salienta Soares (2004, p19) “Alfabetizar é um processo complexo que envolve os mais variados aspectos na criança, por isso é necessário realizá-lo da maneira mais prazerosa possível”

Meu trabalho com alfabetização era difícil, quando era possível conciliar os assuntos, as atividades, adequando-as às necessidades geral da turma procurava então atender a todos, mas em virtude da falta de experiência nem sempre sabia como fazer para conseguir isso e conseqüentemente, alguns alunos não alcançavam os objetivos propostos.

De certo que prevalecia uma metodologia pautada na idéia “distorcida”, de alfabetização onde o processo alfabetizador só poderia existir mediante a percepção e memorização, embora isso não signifique dizer que não existia lugar para a percepção e memória, mas que ela não são o centro do processo (PcNs.1993), mas naquele momento, prevalecia a concepção de que o aluno só aprenderia a ler e a escrever, se tivesse o conhecimento da natureza conceitual, ou seja, do sistema alfabético de escrita, de que a leitura era a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando em “sons”; de que na escrita seria a capacidade de codificar os sons da fala transformando em sinais gráficos. Elias (2000) comenta claramente estas práticas alfabetizadoras tradicionais.

O processo alfabetizador tem uma tradição de séculos ligada a idéia de aprender o alfabeto que só recentemente veio a ser destruída. A preocupação era como ensinar a ler e escrever, como estabelecer a correspondência entre a oralidade e a escrita ou decodificar as grafias em sons e não acompanha o processo de obter informações sobre o que a criança já dominava em relação a escrita e suas hipóteses antes de iniciar a aprendizagem escolar (p.164).

Dentro dessa concepção de alfabetização abordada pela autora que eu acreditava, para aprender a ler era necessário preencher todo um pré-requisito como o desenvolver em conjunto de habilidades perceptuais, codificar e decodificar as letras e os sons denominados de prontidão, que ao vencer sistema da escrita e a criança estava aprendendo. Era difícil para um jovem sem formação adequada, em uma escola rural. Por ser uma comunidade muito humilde e longe da cidade, mais desafios que me foram impostos neste início de carreira e as dificuldades eram inúmeras como o escasso acesso às matérias didáticas necessárias ao mínimo do trabalho em sala.

A secretaria de educação entregava apenas os livros didáticos e giz, caneta, lápis, borracha e caderno não eram dados as crianças que tinham que comprar, os cartazes eram feitos somente nas datas comemorativas, pois era difícil confeccioná-los, tanto em função da pouca experiência para produzi-los como pelo fato de não termos recursos financiados para comprá-los.

Os jogos e os recursos didáticos não existiam na realidade escolar e nem na vivência diária dos alunos. Apesar de viver em uma comunidade rica em recursos naturais (mata fechada) que poderiam ser utilizadas diariamente nas atividades escolares das diversas áreas do conhecimento geografia, história, ciências, partindo

dos recursos disponíveis na realidade dos alunos, eu não os utilizava, pois não tinha ainda o conhecimento de que estes eram recursos que davam para trabalhar a teoria na prática e utilizava para trabalhar matemática os quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão) o bago do feijão, palito de fósforo e o bole-bole.

Todavia a universidade me proporcionou conhecimento suficiente para poder dar o máximo aos meus alunos, usando os mais variados recursos. Logo reconheço a importância da ludicidade como ferramenta de aprendizagem. Por isso realizei nesse presente trabalho, uma abordagem específica sobre a mesma.

A autora Fortuna (2001) reforça como a mesma é uma excelente alternativa para a transformação deste cenário. A utilização da ludicidade como incentivo ao ensino, principalmente por ser um recurso interdisciplinar, pode ser um agente inovador nesse processo.

A ludicidade é um recurso inovador, que além de proporcionar prazer, também é uma forte aliada para motivar alunos a aprender. Pois a ludicidade, segundo Luckesi (2001), adentra os mais variados aspectos, dentre eles jogos, filmes, pinturas e entre outras. Logo, escolhendo somente um recurso, a exemplo jogos, é suficiente para chamar a atenção e motivar o aluno a aprender, já que se constitui por algo renovador e conseqüentemente incentivar os educando a aprender.

Abordando especificamente sobre o processo de alfabetização. Segundo Kishimoto (1994), este deve ser realizado com prazer e construção. Nessa abordagem o autor afirma que a estratégia lúdica vem se configurando como uma importante ferramenta para o desenvolvimento infantil e aquisições formais.

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade. (KISHIMOTO, 1994).

Como bem ressaltar o autor, o aluno se sente mais feliz em aprender quando o assunto é trabalho de forma mais dinâmica, além da aprendizagem se tornar mais dinâmica. Assim prossegue Vygotsky (1989), a escrita e leitura são tarefas muito mais complexas do que aparenta. Pois segundo o autor, isso exige habilidades

psicomotoras incluem destreza manual e digital, coordenação mãos-olhos, resistência à fadiga e equilíbrio físico. Todavia ao considerarmos que para a criança, a escrita e leitura são atividades complexas, o jogo, ao contrário, é um comportamento ativo cuja estrutura ajuda na apropriação motora necessária para a escrita.

Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade. (KISHIMOTO, 1994).

Para trabalhar a ludicidade na prática pedagógica, a escola deve ao lado das atividades de integração da criança, promover a leitura e a escrita juntamente, utilizando-se para isto a dramatização conversas, recreação, desenho, músicas, histórias lidas e contadas, gravuras, contos e versos. Para alguns autores a exemplo de Vygotsky (1989), Piaget (1976), Luckesi (2001), as atividades lúdicas realizadas pelas crianças permitem que elas se desenvolvam, alcançando objetivos como a linguagem, a motricidade, a atenção e a inteligência.

Ademais, é importante frisar que, o educador deve ser mediador e considerar as necessidades de seus alunos, a bagagem de conhecimento, as vivências que cada um traz para o ambiente escolar, utilizando o lúdico como um recurso complementar à “atividade pedagógica”

Logo, já que no início de minha docência não possuía tais conteúdos o processo de avaliação era o mesmo pelo qual eu havia passado como estudante restrito à prova como único mecanismo para obtenção de notas. E não era só “passar a prova” em torno dela tinham critérios rigorosos de acordo com o exercício do caderno, as palavras tinham que estar grafadas corretamente, acentuadas adequadamente e não haver rasuras. Caso existisse algum desses problemas a questão era considerada errada; não eram levadas em consideração as atividades desenvolvidas em sala e as habilidades que os alunos iam desenvolvendo ao longo do bimestre.

Todavia agora posso modificar a situação, a beleza do conhecimento está em repassá-lo para outras pessoas. Logo de nada serve obter ciência de alguns fatos se não poder repassar a os outros. Por isso decidi usar todos esses recursos com

meus alunos, facilitar para eles o processo de aprendizagem e oferecer a eles como docente o melhor, pois observo neles a minha história e como eu obtive auxílio de muitos profissionais para estar onde estou, pretendo ser para eles isso também, um ombro amigo. Para que juntos possamos buscar e somar conhecimentos ao longo de nossa caminhada.

4-UNIVERSIDADE: DESAFIOS E SUPERAÇÕES

“Não é o desafio com que nos deparamos que determina quem somos e o que estamos nos tomando, mas a maneira com que respondemos ao desafio.”

Autor anônimo.

Dentro desse contexto a priori apesar de já obter experiência na área da educação como professor, desde cedo sempre foi meu sonho, devo admitir que minha carreira foi acelerada demais, pois após sair do ensino médio me veio o convite de lecionar, este que logo aceitei, porém devo admitir que a falta de conhecimento teórico foi de grande falta para mim. Muitos erros que cometi como professor veio da falta de ciência sobre os mais diversos assuntos como, educação, legislação, assuntos relacionados a o desenvolvimento infantil, didática e entre outros.

Logo o sonho de adentrar em uma universidade, vista a partir do olhar de um rapaz do interior que passou as mais diversas dificuldades para poder concluir o ensino básico, estava demasiadamente distante. Por isso, posso afirmar que o PARFOR veio para mim como uma oportunidade dada por Deus, para poder estudar e me aprimorar mais e oferecer aos meus alunos o melhor como profissional.

4.1. PARFOR: A CHANCE DE UM NOVO CAMINHO

Discorrido no site do MEC (Ministério da Educação) o PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica) integra um conjunto de políticas públicas do governo federal em parceria com estados, municípios e instituições de ensino superior para transformar o magistério. Compõe esse grupo de políticas o Piso Nacional do Magistério, instituído em julho de 2008; os cursos de mestrado profissional para educadores das redes públicas; o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), que visa o aperfeiçoamento e a

valorização da formação de professores; o Programa de Consolidação das Licenciaturas (Pro docência), que fomenta a inovação, a elevação da qualidade dos cursos do magistério, a valorização da carreira do professor (MEC 2010). Logo esse programa foi apresentado a mim por uma professora amiga, está que me orientou durante o período de inscrição, já não possuo muito contado com tecnologia.

Segundo o autor, plano de formação foi lançado em 2009 e abre turmas especiais em cursos de licenciatura e programas de segunda licenciatura, na modalidade presencial, exclusivas para educadores das redes públicas que não possuem formação superior na área onde atuam, conforme exigência da Lei.

Nesse contexto, cabe destacar a lei n. 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB) (Brasil, 1996), que definiu os níveis de qualificação para atuação docente na educação básica, assim como o Plano Nacional de Educação– PNE 2001-2010, lei n. 10.172 (Brasil, 2001a), que declarou a necessidade de formação dos professores como um dos maiores desafios a serem superados e estabeleceu metas para a ampliação da oferta de cursos de formação, em nível superior, para professores da educação infantil e dos ensinos fundamental e médio. Também o atual PNE, lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014 (Brasil, 2014), revela preocupação com a qualificação docente para a educação básica em duas das vinte metas que o compõem

Dentro dessa premissa fui informado que possuía todos os requisitos, para adentrar no programa e isso me felicitou bastante. Assim como bem orienta o site: Para ocupar as vagas da primeira licenciatura, o professor precisa atender diversos requisitos: estar vinculado a uma rede pública estadual, municipal ou do Distrito Federal; estar no exercício da atividade do magistério; não ter curso de licenciatura. A carga horária mínima é de 2.800 horas, das quais 400 horas de estágio supervisionado. (MEC 2010)

Desde o primeiro momento me interessei, pois até então me parecia impossível adentrar na Universidade, já que desde cedo precisava trabalhar e me ausentar seria uma tarefa quase impossível. Logo observei no PARFOR um novo caminho para mudar minha vida profissional, assim realizei o cadastro na plataforma freire para concorrer às vagas da primeira licenciatura e aguardei o resultado e felizmente fui selecionado, não poderei descrever a alegria que obtive naquele momento, pois observei meu sonho sendo realizado.

É importante ressaltar que, segundo o autor, também existe caso do educador com graduação em área diferente daquela em que leciona, esta precisa estar há pelo menos três anos na rede pública para fazer a segunda licenciatura. Esse curso tem carga horária de 800 horas a 1.400 horas e duração entre dois anos e dois anos e meio. O Parfor também oferece formação pedagógica para docentes graduados não licenciados, no exercício da docência nas redes públicas. Essa formação complementar é de 540 horas. (MEC 2010).

Entretanto segundo o site, os cursos são gratuitos para todos os professores. O custeio é responsabilidade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que repassa recursos para as instituições de ensino superiores responsáveis pela formação, supervisão de estágios e certificação. Cabem às secretarias de educação oferecer aos cursistas material escolar, transporte, hospedagem e alimentação durante o curso (MEC 2010).

Entre os benefícios previstos no Parfor Presencial estão: a) oferta gratuita de cursos aos professores da rede pública de educação básica; b) bolsas aos professores formadores; c) fomento à oferta dos cursos, por meio de verbas de custeio e capital às IES. (MEC 2010)

Ademais, graças a programas como PAFOR muitos profissionais que como eu não obtive oportunidade de adentrar em uma Universidade, agora podem concluir uma graduação e oferecer o melhor a seus alunos e ao espaço, no qual adentram. Esse programa me ofereceu uma gama de conhecimentos inexplicáveis, percebi como muitas vezes me equivoquei como professor, porém isso se sucedia por não ter conhecimento prévio. Este também me fez superar muitas dificuldades no trabalho e agora tenho plena certeza que serei um professor muito melhor.

4.2. OS DESAFIOS DIANTE AS NOVAS TECNOLOGIAS

Foi na universidade que pela primeira vez tive um contato mais próximo com as novas tecnologias. Por sempre residir no interior e a minha família ser muito humilde, poucas vezes tive contato com as mesmas, em minha casa durante a infância não havia televisão ou rádio. Na fase adulta, já possuíamos, porém, meus conhecimentos se limitavam somente aquilo. Por falta de recurso, minhas aulas eram montadas a lápis e papel e não possuía, até então, qualquer contato com o computador, pois na minha escola este também não estava presente.

A educação abriu portas e minha vida se modificou muito, tive a oportunidade de adquirir bens materiais que por muito tempo achei que não poderia ter. Porém apesar de tudo, o mundo técnico ainda é um mistério para mim, dificultando um pouco meu trabalho como professor, pois atualmente tudo gira diante desse universo.

A priori como bem está enfatizada no artigo ao longo da história a escola foi adaptando-se às novas tecnologias. Segundo o autor, em um primeiro momento a educação formal era baseada em aulas expositivas, com o enfoque no discurso do professor. Posteriormente deu-se a invenção do quadro negro, que, segundo o MEC, ocorreu no século XXI. No início houve resistência, e, apenas com o passar dos anos, foi possível quebrá-las. Hoje ele está presente em todas as salas e é utilizado em todos os níveis de ensino.

Na atualidade, observo que tudo está ligado a tecnologia e as pessoas estão cada vez mais utilizando a mesma com frequência, no sentido de ser até dependentes dela. Assim como bem salienta Souza (2008) O mundo de hoje é marcado pelo grande avanço da tecnologia, principalmente no que diz respeito à informática. Segundo o autor, em todo o mundo a informática passou a ser um instrumento de trabalho e uma fonte metodológica para ensino. A sociedade vive visualmente dirigida, onde se torna notório que as novas tecnologias têm influenciado o comportamento das crianças e jovens que se encontram na idade escolar.

Dando continuidade a respeito da internet Santa (1998) refere que a mesma se torna gradativamente, um meio comum de trocas de informações, de acesso de especialista, de crianças e jovens, de formação de equipes de trabalho, de construção de relações de amizades, independente da distância geográfica. Segundo o autor, diferente das tecnologias surgidas nos últimos anos, a internet rompe não só as barreiras geográficas, mas também de tempo e espaço, permitindo que as informações sejam em tempo real e este novo cenário social, tecnológico e cultural está cada vez mais familiar para todos.

Atualmente reconheço a importância e a facilidade que a internet nos proporciona, porém ainda pouco sei utilizá-la. Foi na universidade, através da ajuda de amigos que pude aprender um pouco, porém ainda possui dificuldade como tudo relacionado a nova era digital.

Como bem salienta Fava (2012), A tecnologia está mudando a educação, não apenas na organização, escolha e disponibilidade dos conteúdos, mas também na distribuição. Isso obriga instituições de ensino a se adaptarem ou irão fracassar nos novos conceitos da sociedade digital. Como bem ressaltado pelo autor, me encontro nesse dilema, pois reconheço a necessidade de adentrar nessa nova era e enfrentar as dificuldades que tanto possuo. Porém também reconheço as desigualdades, pois na escola onde trabalho falta merenda escolar quase diariamente e ter um computador, ainda é um sonho distante na nossa realidade.

Segundo o autor, anteriormente o computador, e os demais aparatos tecnológicos, que no passado eram vistos como instrumentos de especialistas ou de pessoas com maior poder aquisitivo, atualmente são reconhecidos como bens necessários. Isso se dá também nos ambientes educacionais. Dentro dos estabelecimentos de ensino as tecnologias eletrônicas constituem-se em condição de empregabilidade, de ensino, de domínio dessa nova cultura.

Assim concordo com o que o autor também salienta, pois inserir novas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem é um desafio para os professores em sala de aula, ao mesmo tempo em que suas potencialidades devem ser objeto de pesquisa e discussão nos cursos de formação. Porém também é necessário reconhecer, que a infra-estrutura das escolas públicas não oferece a todos esses profissionais e alunos contato com a tecnologia. Dessa forma, dificultando muito o processo.

Como bem aborda Moraes (1999, p 02),

Vive-se num mundo pequeno e grande ao mesmo tempo, tecido pelas redes de computadores. Não é mais possível controlar o fluxo de informações e o maior desafio é produzir conhecimento e realizar um manejo criativo e crítico sobre esse mundo

Dentro desse arcabouço Castells (2002) relata o conceito de tecnologia educacional, este que, segundo o autor, se aplica com o do uso dos equipamentos tecnológicos aliados aos processos de ensino e aprendizagem, é um campo de conhecimento que busca compreender a prática pedagógica e as metodologias utilizadas pelos professores com uso de tecnologias. Segundo o autor, as tecnologias educacionais surgem com as transformações econômicas no cenário mundial, período o qual as inovações tecnológicas estavam em processo de

ascensão e as novidades tecnológicas estavam sendo criadas para atender o mercado.

Como muito bem é ressaltado pelo autor, são diversos fatores levam a escola a resistir às inovações no âmbito da tecnologia. Como por exemplo, a falta de recursos, de infra-estrutura, o despreparo dos professores e da equipe pedagógica, os materiais que chegam à escola por imposição e não por escolha dos professores, as quantidades de material inadequadas ao porte do colégio estão entre os principais.

Segundo o autor, tais fatores interferem consideravelmente na disposição dos educadores para a utilização das inovações, como se fosse possível ficar indiferente à influência que elas exercem sobre as pessoas. Todavia diante de tal comentário preciso discordar, pois diante da minha realidade, no qual é a de muitos profissionais observo que difícil realizar essa união entre educação e tecnologia em uma escola em que os professores, nem sequer sonham com um computador por falta de estrutura, muitas vezes não é falta de vontade e sim oportunidade.

Assim considerando o comentário de Pocho (2003) no qual afirma que o professor precisa mudar a sua postura pedagógica diante desse contexto, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento e democratização do conhecimento, é necessário que ele domine o uso da máquina e também a sua utilização pedagógica. Concordo com seu comentário, é importante que os professores passem esses conhecimentos para os alunos, porém é necessário estrutura para isso.

Dessa forma, muitos profissionais como eu que estão acostumados a trabalhar de forma diferente e consideram essa maneira a mais simples e eficiente, mudar requer muito esforço. Principalmente, pois, na realidade na qual vivo o Governo de Muaná não divulga sobre programas como PROINFO, no qual tem por objetivo capacitar os professores diante dessa nova era digital, somente tive conhecimento desse programa e outros, quando adentrei na Universidade.

Dessa forma e por falta de uma melhor organização e administração educacional do município, muitos profissionais como eu ficam sem conhecimento sobre os programas de capacitação, assim não participando deles e prosseguindo com a realidade em que estou inserido hoje.

Ademais, a partir do que foi discorrido nesse tópico concordo com a abordagem de muitos autores que afirmam sobre a necessidade de aliar a educação

com as novas tecnologias. Porém não podemos culpar somente aos educadores sobre a falta de vontade de realizar essa tarefa, uma escola sem estrutura, no qual nem sequer mostram aos alunos o que é um computador, dessa forma, fica muito difícil de trabalhar esse conteúdo ou dar o professor o material para utilizar.

Assim muitos alunos ainda crescem como eu, que somente tem um contato mais próximo a essa era digital quando adentram a universidade, com isso, obtendo as mais diversas dificuldades de manuseá-las. Todavia irei mudar a minha realidade, pois pretendo ir atrás e tentar me escrever no PROINFO com ajuda de amigos que Deus sempre pôs em meu caminho e me especializar cada vez mais nessa era digital e me tornar o melhor profissional que puder.

4.3. DISCIPLINA DE LIBRAS: CONHECENDOAS DIFERENÇAS

De todas as alegrias que colecionei durante a universidade a disciplina de LIBRAS foi uma das mais essenciais, prazerosas e divertidas que tive. Nos dias que se seguiram a aula teve imensa alegria de ir apreciá-la. Pois até então o que compreendia sobre a Língua Brasileira de Sinais era muito pouco e conhecer esse novo universo era essencial, tanto como profissional e pessoa também. Pois quando se conhece as diferenças, aprendemos a respeitá-las.

Durante muito tempo, chamava erroneamente as pessoas surdas de mudas, pois desde a minha infância eram dessa forma que eram conhecidas, atualmente reconheço esse equívoco, porque aprendi na disciplina que eles não falam, pois são surdos, dessa forma, não escutam. Segundo Sacks apud Quadros (2006) existem dois tipos de surdez; a pré lingüística ou pré lingual e a pós - lingual ou pós lingüística. A primeira é congênita ou surgida em tenra idade, antes da aquisição da fala. Já a segunda é característica das pessoas ensurdecidas depois de adquirir linguagem

Os surdos pré lingüísticos não têm imagens auditivas e experiências mentais a que possam recorrer. “Por nunca terem ouvido, não têm lembranças, imagens ou associações auditivas possíveis, nunca terão a ilusão do som”. São incapazes de ouvir seus pais e, como inconseqüência dessa impossibilidade, podem vir a ter acentuados atrasos lingüísticos. Contudo, conseguem ouvir vários tipos de ruídos e ser sensíveis a vibrações de toda espécie. (QUADROS, 2006, p.189).

A partir dessa idéia aprendi e repassei aos meus alunos e familiares a distinção entre surdo e mudo, expliquei a eles que nem todos os mudos são surdos,

porém todos os surdos são mudos. Dessa forma, eles vão saber reconhecer e aceitar as diferenças. Conforme os autores:

O valor fundamental da linguagem reside na comunicação social, nas quais as pessoas fazem-se entender umas pelas outras, compartilham experiências emocionais e intelectuais, e planejam a condução de suas vidas e de sua comunidade. Capovilla e Raphael (2001, p.1479 e 1480)

Segundo os autores, a linguagem permite comunicação ilimitada acerca de todos os aspectos da realidade, concretos e abstratos, presentes e ausentes. Por isso a necessidade de aprender o básico de LIBRAS, para poder me comunicar com pessoas surdas e caso ter um aluno com essa deficiência poder oferecer a ele o máximo que puder.

Ainda para os mesmos autores, a língua possibilita reinventar o mundo cultural, para além da experiência física direta do aqui e o agora. Devido à linguagem, como eles bem abordam, a criança pode compreender o mundo, beneficiando-se da experiência vicária para além da mera imitação e observação e inferência direta. Podendo se socializar, adquirindo valores, regras e normas sociais e, assim, aprender a viver em comunidade.

[...] pensar em educação de surdos é levar em conta, entre outros tantos possíveis aspectos que representam as experiências visuais das pessoas surdas, a sua língua de sinais. Inegavelmente, a linguagem é essencial ao ser humano para o estabelecimento de vários tipos de relações, para a expressão do pensamento e a constituição da subjetividade. Assim, há várias linhas de atuação possíveis para a produção de conhecimentos por pesquisadores envolvidos na educação de surdos no Brasil (QUADROS, 2005,p.46)

Como bem enfatiza Quadros (2005) tão fundamental quanto o desenvolvimento da linguagem é proporcionar as pessoas surdas, meios para auxiliá-los a desenvolver as possibilidades próprias da sua condição. A fala não é o único recurso para a expressão do pensamento, embora a língua de sinais, por ser gestual-visual, aconteça em vias diferentes não impede que o surdo adquira conhecimentos, desenvolva habilidades e construa sua autonomia. Diante disso, compreendi a importância da linguagem de sinais, pois além de ser a principal forma de comunicação deles é um direito que foi conseguido após muita luta.

Dessa forma especificando um pouco sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras está é a língua própria dos surdos, sendo esta uma língua de modalidade oral visual, vai explorar os sentidos de que ele dispõe. Segundo o autor, a Língua Brasileira de Sinais é um sistema lingüístico legítimo e natural, utilizado pela

comunidade surda brasileira, de modalidade gestual-visual e com estrutura gramatical independente da Língua portuguesa falada no Brasil (Domingos 2014)

Como comenta o mesmo autor, após vários anos de luta, a Federação Nacional de Educação e Inclusão dos Surdos conseguiu que a língua brasileira de sinais - Libras fosse regulamentada viabilizando aos surdos a comunicação em sua língua materna. De acordo com a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002 em seus respectivos artigos: Embora se trate de uma língua que representa uma minoria lingüística e em uma modalidade diferente da língua portuguesa, a Libras é reconhecida como língua pelo fato de possuir todos os níveis próprios das línguas orais auditivas.

Dentro desse arcabouço a Inclusão é a capacidade que temos de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. Dessa forma para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo.

Dentro dessa premissa, costumo dizer que estar junto é aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com é interagir com o outro (MANTOAN 2002). Assim, compreendi que a inclusão é um direito de todos em todos os lugares, ninguém deve ser julgado por suas limitações e todos devem ser tratados como iguais.

Na universidade tive conhecimento sobre a Declaração de Salamanca, segundo ela, uma pedagogia que tem como foco a criança é benéfica a todos os estudantes e, obviamente, à sociedade como um todo. Educação inclusiva é o jeito mais eficaz para construção de solidariedade entre crianças com necessidades educacionais especiais e seus colegas.

Conforme a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, as pessoas com necessidades educacionais especiais têm direitos a medidas que visem capacitá-las a tornarem-se tão autoconfiantes quanto possível. Segundo tal autor, a Declaração de Salamanca é um documento que resultou da Conferência Mundial de Educação Especial na qual os delegados representando oitenta e oito governos e vinte e cinco organizações internacionais reafirmaram o compromisso para com a

Educação para todos. A assembléia se deu em Salamanca na Espanha entre os dias sete e dez de junho de 1994. E consoante a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educacionais Especiais.

Entretanto dentro do movimento da educação inclusiva, sua ênfase crescente, objetiva descartar os serviços educacionais segregados e procura, para além da integração, garantir a inclusão de todas as crianças e jovens numa escola comum de qualidade especial. Dessa forma é importante que atitudes de respeito ao outro como cidadão sejam efetivadas em ações de reestruturação da escola atual com vistas a tal propósito. (Mazzotta 1998)

Certamente, se o que se pretende é a efetiva inclusão do surdo faz-se necessário que este participe efetivamente do processo educacional. Questionar a integração/inclusão pode parecer insensato, principalmente porque a opinião corrente é de que esta é uma estratégia “politicamente correta”, mas, tal questionamento é necessário para que seja pensada e viabilizada uma escola pautada numa política da diferença (ou para a diferença), de modo a que sejam concretizados processos de aprendizagem significativos e eficazes. Tal questão diz respeito à ampliação sobre o papel que cabe à escola no contexto da educação, e, refere-se a outra dimensão quanto à participação dos surdos no processo educacional (SÁ, 2002, p. 359)

Dentro da disciplina de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) aprendi sobre os direitos das pessoas com deficiências, como ambos eram tratados anteriormente e como foi importante a adesão de direitos que conseguiram ao passar do tempo. Compreendi sobre a importância do direito de inclusão e o básico das linguagens de sinais.

Todavia até adentrar na universidade, pouco sabia sobre esse assunto, quando era aluno não tive colegas surdos em sala de aula e até então como professor, não tive essa experiência. Principalmente, pois, na escola em que trabalho não tem estrutura (intérpretes) para poder dar a eles uma boa aprendizagem. Logo no interior no qual habito as poucas mães que possuem filhos deficientes, na maioria das vezes não matriculam eles na escola, por isso não tive contatos com eles nem como aluno e professor.

Dentro dessa premissa o que me deixava mais feliz foi aprender os sinais, primeiramente o alfabeto, depois alguns gestos de cumprimento como “bom dia”, “bom tarde” e “boa noite”. Também realizamos duas atividades muito prazerosas, na qual foram contar uma curta história e apresentar uma música. Até então não sabia que os surdos podiam realizar essas duas atividades, essa foi uma das minhas muitas ignorâncias que a universidade rompeu. Por fim até a relação com os colegas foi muito prazerosa, nos divertíamos durante as aulas realizando brincadeiras e aprendíamos muito. Por isso decidi que após a graduação irei realizar pós-graduação em educação especial, com ênfase em LIBRAS, para dessa forma, poder agir de maneira adequada quando tiver um aluno surdo e também poder repassar na comunidade que resido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente memorial foi embasado nos pressupostos teóricos da história de vida apresentando momentos marcantes de minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Os memoriais, por serem lembranças de fatos/ e ou experiências vividas no passado, são documentos que revelam dimensões de vida que não retornam mais. Confesso que para mim foi um grande desafio fazer um contraponto sobre as trajetórias lineares de minha vida. Relembrar algumas passagens da mesma é ter a oportunidade de recomeçar, e tentar escrever uma nova história. Necessito de muitas mudanças em meu comportamento e sei que ter chegado até aqui é o primeiro passo para prosseguir nesta caminhada, compartilhando tudo o que tenho aprendido de forma dinâmica. E o mais importante, aprender cada vez mais. (SILVA, 2013)

Diante disso, é importante destacar alguns pontos importantes do trabalho, como por exemplo, a influência que a família possui na formação de caráter e profissional na vida de qualquer pessoa. Outro ponto a ser destacado é o processo de alfabetização e letramento como metodologia fundamental no ensino infantil e como o mesmo, deve ser tratado de forma correta e a partir de métodos lúdicos para auxiliar o ensino e aprendizagem da criança. Além disso, a abordagem sobre as novas tecnologias como minha maior dificuldade dentro da academia e a disciplina de LIBRAS como minha maior alegria como aluno, mostra um pouco sobre as minhas experiências na Universidade.

Portanto, a minha formação foi de suma importância para me transformar no profissional que me encontro hoje. É importante enfatizar os benefícios de se aliar a teoria e prática, pois tudo que aprendia em sala de aula repassava aos meus alunos, principalmente na disciplina de LIBRAS, pois os mesmos ficavam muito felizes em aprender as sinas, assim como eu na academia. O conhecimento científico sobre aprendizagem e educação foram essenciais para poder entender meus alunos e assim montar uma aula mais justa para todos. Construindo minha história de formação através da prática docente, ao longo de minha jornada profissional e acadêmica, na superação de desafios é que representa a realização de um sonho, possíveis para poder obter a graduação.

A universidade rompeu muitos paradigmas que havia construído durante toda a minha história, compreendi muitas coisas que para mim antes eram um mistério, por exemplo, os fundamentos do teórico Piaget sobre alfabetização me fizeram entender um pouco melhor o processo e trabalhá-los corretamente com meus alunos.

Todavia, posso afirmar a importância da Universidade para a formação acadêmica de qualquer profissional e como programas como PARFOR podem mudar a realidade de muitos professores, que como eu não tive a oportunidade de adentrar em uma academia. Pois dentro da realidade na qual me insiro, terminar o ensino médio já é uma vitória, porém realizar uma graduação é um sonho que para muitos, como eu um dia, julgam ser impossível. Dessa forma, me encontro extremamente feliz e gratificado por concluir minha formação universitária, pois somente pessoas próximas a mim sabem o que passei para estar aqui e finalizar esse trabalho, pois sempre acreditei na minha capacidade de superação.

Aprender a ensinar com o exercício da profissão constitui desafio que faz parte da vida profissional de todos os professores, iniciantes ou não na carreira. As inúmeras dificuldades e incertezas vividas pelos professores, a busca de superação para os problemas educativos e a reafirmação de seu compromisso com o ensino sendo abordados, focando o professor como protagonista de seu desenvolvimento profissional, conhecedor e interprete do próprio trabalho, num movimento de construir e (re)construir a sua realidade no exercício da docência.

Dentro deste arcabouço, faz-se necessário que o educador se auto-avalie para buscar embasamentos teóricos essenciais à reconstrução de sua prática pedagógica. Tenho plena convicção que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber. Mas é importante ressaltar que, embora tenha alcançado essa conquista, tenho consciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação na profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento, está sempre à disposição para saciarmos a nossa sede.

Portanto compreendo que a educação é um elemento necessário para o crescimento de qualquer pessoa. Diante as minhas experiências como aluno e profissional, defendo a importância de um maior investimento na educação, frisando

principalmente a questão dos interiores e do campo. Ademais, vislumbro um sonho que daqui a alguns anos o ensino seja prioridade para os governantes no país. Por fim, apesar de todas as dificuldades que enfrentei sou grato por absolutamente tudo e tenho a certeza que agora posso ir mais além, caminhar por estrados mais desafiadores, a universidade me proporcionou essa perspectiva e pretendo continuar lutando e indo atrás de meus sonhos. Hoje posso afirmar que estou passando por esse processo de amadurecimento tanto intelectual e enquanto pessoal, sinto-me mais centrado em tudo que faço.

REFERÊNCIAS

ABREU, A C. Língua Brasileira de Sinais: **Uma conquista histórica**. Senado Federal - Brasília. 2006, p. 5 – 10.

ARAÚJO e YOSHIDA. Professor: **Desafios da prática pedagógica na atualidade**. Disponível em .

CASTELLS, M. A sociedade em Rede. A era da informação: **economia, sociedade e cultura**. V. 2 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira**. 2 ed. São Paulo, Edusp. p. 1479 – 1487. Vol. 1. 2001.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p V.2.

_____, **Com todas as letras**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

FORTUNA, Tânia Ramos. Formando professores na Universidade para brincar. In: Santos, Santa Marli Pires dos (org.). **A ludicidade como ciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____, **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FAVA, Rui. O ensino na sociedade digital. Disponível em: <<http://semesp.org.br/portal/index.php>>. Acesso em: 04 de setembro de 2014.

HAGE, Salomão Mufarrej. Classes Multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará/Região Amazônica. In: HAGE, Salomão Mufarrej (Org.). **Educação do Campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

IZQUIERDO, I. Memória. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 133 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. (Org.) **Educação e Ludicidade**. Salvador UFBA/FACED, 2000.

MORAIS, R.(Org.). Sala de aula: **Que espaço é esse?** Campinas, mó Paulo: Papirus, 1995.

Ministério da Educação (MEC). Disponível em: . Acesso em: 24/02/2018.

MANTOAN, M.T.E.; **Inclusão é o privilegio de conviver com as diferenças**. Disponível em: . Acesso em: 24/02/2018.

MAZZOTA, M. J. S; III Congresso ibero americano de educação especial: **Desafio para um novo milênio**. Foz do Iguaçu: 1998. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS, 2014. Disponível em: . Acesso em: 26/02/2018.

SÁ, N.R.L.; Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: **Universidade Federal do Amazonas**, p. 388, 2002.

SATYRO, Natália; **SOARES**, Sergei. A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: **um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005**. Brasília: IPEA, 2007.

SANTOS, N. **Espaços Virtuais de Ensino Aprendizagem**. São Paulo: Infolink, 1998.

SILVA. Edneide do Nascimento Oliveira da. Práticas de leitura e escrita na educação infantil: reflexões a partir de uma experiência no CEIMI de Itaparica. [trabalho de conclusão de curso].Salvador. Universidade Federal da Bahia. Curso Licenciatura em Pedagogia – PARFOR. Faculdade de Educação. 2013.

SOUZA, E. C. (Auto) biografia, histórias de vida.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: **as muitas facetas**. 26ª Reunião Anual da Anped, 2004.

SOUZA, I. R. L; **MAGALHÃES**, H. P. de. **Intersecções entre culturas midiáticas e cyber cultura e game cultura**. Revista Cultura Midiática, ano 01, n. 01, julho/dez 2008.

VIGOTSKY, Lev. Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

QUADROS, R. M.; **SCHMILD**, M.L.P.; Ideais para ensinar português para alunos surdos. Brasília, p. 120, 2006.

_____ IV Congresso Internacional e X Seminário nacional do INES. Rio de Janeiro, 2005.